



SEÇÃO: DOSSIÊ

Isto não é um ensaio: um diálogo entre lógica e literatura, Borges e Saramago

This is not an essay: a dialogue between logic and literature, Borges and Saramago

Talita Jordina

Rodrigues¹

orcid.org/0000-0003-4575-8643

talitarodrigues.jlle@gmail.com

Recebido em: 5 dez. 2021.

Aprovado em: 16 fev. 2022.

Publicado em: 22 abr. 2022.

Resumo: Este trabalho pretende estabelecer um diálogo entre temas e autores que aparentemente não pertencem a um mesmo grupo, ou seja, não se relacionam de maneira natural. Os temas são a lógica e a literatura e os autores são Jorge Luis Borges e José Saramago. A discussão proposta parte de uma conferência do autor português a respeito do autor argentino, intitulada *Algumas provas da existência real de Herbert Quain*. A partir de uma análise detalhada desse texto, é possível observar que ele vai muito além daquilo que aparentemente se propõe: fazer uma homenagem a um autor e sua obra. Na verdade, o que Saramago faz de maneira engenhosa é tomar elementos propriamente borgeanos para falar a respeito de Borges, ou seja, sua homenagem não se restringe ao plano semântico, mas também se apresenta na forma. Incluindo ferramentas argumentativas da matemática e da filosofia, temas muito caros a Borges, Saramago constrói uma espécie de jogo no qual emergem discussões que vão da relação pouco natural entre as ciências exatas e humanas até os trânsitos entre os universos do real e do ficcional.

Palavras-chave: Lógica. Literatura. Ficcional. Jorge Luis Borges. José Saramago.

Abstract: This work aims to establish a dialogue between themes and authors that apparently do not belong to the same group, *i.e.*, they do not relate in a natural way. The themes are logic and literature and the authors are Jorge Luis Borges and José Saramago. The proposed discussion starts from a lecture by the Portuguese author about the Argentine author, entitled *Algumas provas da existência real de Herbert Quain*. From a detailed analysis of this text, it is possible to observe that it goes far beyond what it apparently intends to do: pay homage to an author and his work. In fact, what Saramago does in an ingenious way is to take properly Borgesian elements to talk about Borges, that is, his homage is not restricted to the semantic plane, but is also presented in form. Including argumentative tools from mathematics and philosophy, themes very important to Borges, Saramago builds a kind of game in which discussions arise that begins with the unnatural relationship between the exact and human sciences and goes to the transitions between the real and fictional universes.

Keywords: Logic. Literature. Fictional. Jorge Luis Borges. José Saramago.

Introdução

É mais do que conhecida a máxima do grande filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel que diz algo parecido com: tudo o que é real é racional, tudo o que é racional é real. Ora, se admitirmos que a palavra "real", em um dos seus inúmeros significados possíveis, opõe-se à noção de "ficcional", podemos pensar, a partir de Hegel, que a literatura não é algo que se relaciona com o universo da racionalidade. No entanto, se



¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil.

pensarmos, antes de tudo, que sim, a literatura ficcional tem algo de racional, admitimos, então, de novo a partir de Hegel, que ela pertence ao universo do real. Realidade e ficção formam, como se sabe, uma dicotomia amplamente discutida ao longo do tempo em diversos campos do conhecimento, da filosofia à história, passando é claro pelo próprio campo da teoria literária. Não é necessário, contudo, traçarmos esse panorama aqui, nem evocarmos os gregos e suas concepções de representação que, de certa forma, dão início a esse debate.

A discussão que propomos neste trabalho vem do diálogo de dois grandes ficcionistas: Jorge Luis Borges, um contista por excelência, e José Saramago, um romancista por excelência. O texto norteador dessa discussão, no entanto, não é ficcional. Trata-se de uma conferência do autor português sobre o autor argentino e sua obra. Em *Algumas provas da existência real de Herbert Quain*,² Saramago discursa em defesa de um argumento bastante curioso: a prova de que um personagem de Borges tenha existido no mundo real. Para além disso, se observarmos esse texto de maneira um pouco mais detida, veremos que há nele outro dado bastante inusitado. O que Saramago faz não é apenas uma apresentação *sobre* um autor importante da literatura recente – que inclusive é abertamente alvo de sua profunda admiração. Trata-se na verdade de uma homenagem a Borges, e essa homenagem faz uso de elementos propriamente borgeanos, utilizando, por exemplo, a Lógica como ferramenta principal de análise. Assim, é possível notar que a conferência acaba sendo uma homenagem de modo duplo, uma vez que ela se expressa tanto no conteúdo quanto na forma, o que tentaremos demonstrar a seguir.

Antes de emprendermos esse trabalho, entretanto, cabe lembrarmos outro aspecto dessa singular escolha de José Saramago. Como se sabe, o campo das chamadas "ciências duras" costuma ter pouca afeição ao campo das chamadas "ciências humanas", e a recíproca é

igualmente verdadeira, muito embora saibamos que na ocasião do surgimento da filosofia, por exemplo, tudo convivesse de maneira um pouco mais harmoniosa. Em 1959, uma conferência proferida pelo físico e romancista Charles Percy Snow causou um grande frenesi por ele defender a ideia de que havia um abismo entre a "cultura científica" e a "cultura literária". Tal distanciamento implicava, segundo ele, a ignorância de um grupo em relação a outro, de maneira que se tornava insustentável o diálogo. O universo plural de interesses de Borges, no entanto, contradiz essa ideia. A matemática invade alguns de seus contos da mesma forma como acontece com a filosofia. O encontro entre a matemática e a filosofia é, pode-se dizer, a lógica. Sendo assim, ao compor uma espécie de jogo lógico para tratar do universo ficcional a partir de uma ode à obra de Borges, o que Saramago acaba por fazer é, sob certo aspecto, borrar as fronteiras entre os saberes e nos dizer algo como: tudo é racional, real e ficcional.

1 O ponto de partida

A maneira pela qual Saramago escolhe dar início à sua fala intitulada *Algumas provas da existência real de Herbert Quain* é aparentemente habitual para um conferencista tão experiente como ele: estabelece-se um diálogo com o público, divertindo-o e convidando-o a uma reflexão acerca da própria natureza daquele evento. Para tanto, o autor português evoca a obra de René Magritte que se intitula *Isto não é uma maçã*, de 1964, lembrando que mesmo contra a advertência expressada no quadro, muitos espectadores insistem em lembrar dele pensando "aquilo é uma maçã". Seguindo esse raciocínio, Saramago diz: "Tal como Magritte, sinto também eu, neste momento, o dever de vos prevenir de que isto não é uma conferência. Não me surpreenderia, porém, que, terminada ela, um de vós [...] diga ao vizinho: «Isto foi uma conferência.»" [2021].

A abertura da conferência aparenta, inicialmente, estar desconectada de seu tema principal,

² Conferência proferida em Bérgamo, na Itália, em um Colóquio sobre Jorge Luis Borges. O texto foi publicado na página da Fundação José Saramago, porém não se faz menção à data.

uma vez que Saramago não retoma e nem explica a evocação de Magritte quando efetivamente começa a falar sobre a obra de Borges. Um espectador menos cuidadoso diria, então, que essa referência não passa de uma estratégia engenhosa e divertida cujo intuito principal é seduzir, logo no início, a atenção daqueles que se voltam para o conferencista. Há de se lembrar, contudo, que o propósito da conferência é provar "a existência real de Herbert Quain" [2021], um personagem que não por acaso se encontra no interior de um livro cujo título é precisamente: *Ficções*. É pontualmente nessa informação, não declarada de maneira explícita no texto, que reside a explicação para Saramago lembrar do quadro.

Ora, quando Saramago evoca Magritte e sua advertência clara de que o desenho da maçã não é uma maçã, dizendo ainda que frequentemente se insiste em pensar naquilo como sendo uma maçã, ele também está falando de sua própria insistência em denunciar uma suposta "realidade" de uma figura declaradamente ficcional. Quer dizer, quando um escritor nomeia sua obra de contos usando a palavra "ficções", como o fez Borges, o que ele está fazendo é algo muito parecido com a ação de Magritte. Da mesma maneira, quando alguém procura provar a existência de um personagem dessa obra, esse alguém está também fazendo algo muito parecido com o que fazem alguns espectadores do quadro surrealista. O jogo de Saramago, portanto, começa por aí.

Naturalmente, a referência que se estabelece nesse momento é precisamente com o conceito de representação, que já mencionamos, e que tanto foi, e ainda é discutido no universo de todas as artes, da pintura à literatura. Nesse sentido, uma representação não pode ser nada mais do que uma representação. Ainda assim, os efeitos dessa representação no espectador são reais e ele escolhe vê-la como algo do mundo, ou seja, é o leitor que decide acreditar, ainda que com ressalvas, na "mentira" contada pelo narrador de

um texto ficcional, por exemplo. O que caberia perguntar, então, é se essa operação é ou não é racional. Ou melhor, se a razão é capaz de tornar verdade uma mentira. Indo um pouco mais além: se é possível transformar o estatuto de um objeto virtual e, assim, torná-lo real.

2 Os argumentos

Para observar melhor o jogo construído por Saramago, vamos nos deter primeiramente sobre as premissas e os argumentos que ele escolhe utilizar. O início da argumentação não está centrado na existência do próprio Herbert Quain, como indica o título da conferência, mas sim na existência de um de seus livros: *The god of the labyrinth*, mencionado, apresentado e discutido por Borges em seu conto "Exame da obra de Herbert Quain". Ora, para Saramago parece ser mais fácil acreditar na existência de um livro descrito por um escritor do que acreditar na existência de um personagem apresentado por ele. Isso porque a invenção de personagens é algo inerente à escrita ficcional, enquanto a invenção pormenorizada de outras obras que não existem na realidade já é algo um pouco mais inusitado, embora saibamos que isso seja uma operação frequente no universo borgeano.³ A partir disso, Saramago assume o posto de um leitor ingênuo de Borges, perguntando-se: "como pode ter sido tudo um puro jogo se o próprio Borges afirma ter lido esses livros, e entre eles um que se chama *The god of the labyrinth*? E não só declara que o leu como nos dá precisas indicações sobre a intriga policial que nele se narra..." (SARAMAGO, [2021]).

Naturalmente, ao assumir propositadamente o papel de leitor ingênuo, Saramago promove uma confusão entre o narrador do conto e o autor. Embora saibamos que Borges utilize tanto o recurso da primeira pessoa do singular quanto seu nome próprio ao longo de muitos contos, ainda assim é necessário dissociar o

³ Saramago também faz algo parecido em algumas ocasiões. Em uma entrevista concedida a Horácio Costa, o autor português diz: "a epígrafe de *Todos os nomes* [...] é uma citação de um livro chamado *Livro das evidências*, que não existe, como em outro romance, *História do cerco de Lisboa*, há uma outra epígrafe que foi tirada do *Livro dos conselhos*, que também não existe. E isso é um pouco borgeano, e se isso continuar, não terei mais remédio do que escrever o *Livro das evidências* e o *Livro dos conselhos*" (COSTA, [2022]).

Jorge Luis Borges autor do Borges narrador. Na lógica interna da conferência de Saramago, no entanto, é o escritor real que diz ter lido *The god of the labyrinth* e tal “testemunho” basta para que acreditemos na existência física do livro. Mas Saramago vai além disso e apresenta uma figura capaz de provar, melhor do que o próprio Borges, a existência do romance policial escrito por Herbert Quain e, logo também, a existência desse mesmo autor. É nesse momento que o jogo estabelecido por Saramago se torna ainda mais curioso. Saramago afirma:

No final de 1935, isto é, dois anos depois da publicação de *The god of the labyrinth*, um exemplar deste livro, pelo menos um exemplar, fazia parte da biblioteca de um barco inglês denominado Highland Brigade. Requisitou-o ao respectivo bibliotecário um poeta português, Ricardo Reis, embarcado no Rio de Janeiro, e de quem, curiosamente, durante muitos anos, também se disse que não tinha existido (SARAMAGO, [2021]).

Para resumir, Saramago diz que uma prova possível da existência do livro *The god of the labyrinth* reside no fato de que ele foi manuseado pelo poeta português Ricardo Reis, embora se admita que o próprio Ricardo Reis poderia não ter existido. A questão que se impõe, então, é: qual é, afinal, a fonte dessa afirmação de que Ricardo Reis, considerando que ele existiu, tenha manuseado o romance? A resposta é dada de maneira óbvia e natural por Saramago: a fonte dessa informação verossímil e plenamente confiável é precisamente seu próprio romance, *O ano da morte de Ricardo Reis*. Como se sabe, e como o próprio título menciona, tal romance de Saramago trata do último ano da vida de um personagem tomado de empréstimo da heteronímia de Fernando Pessoa, ou seja, um personagem que é duplamente ficcional.

O argumento que parece absolutamente ilógico (dizer que um autor existe porque seu livro supostamente inventado foi manuseado por outra figura que igualmente não teria existido) acaba sendo justificado logicamente pelo próprio Saramago a partir da evocação, na sequência, de um princípio da Lógica Clássica. Saramago, então, diz: “duas proposições contraditórias não

podem ser, ambas, falsas. Como se aplica isto a Ricardo Reis e a Herbert Quain? Aceitando, ainda que com recurso ao paradoxo, que se um deles é autêntico, também o pode ser o outro” (SARAMAGO, [2021]).

Estabelecido o argumento lógico inicial de Saramago e demonstrado seu ponto de partida, ou seja, apoiar a prova da existência de Herbert Quain na prova da existência de Ricardo Reis, ele começa então a mostrar para o público quais são efetivamente essas provas. O conferencista começa a ler, nesse momento, cinco citações, uma seguida da outra, extraídas de seu próprio romance, nas quais aparece o personagem Ricardo Reis manuseando o livro *The god of the labyrinth*. A primeira delas registra o momento em que o personagem chega ao hotel que o hospedaria em Lisboa, abre a mala e se depara com o exemplar que havia esquecido de devolver à biblioteca do navio. A segunda descreve um momento no qual Ricardo Reis abre o livro de Herbert Quain e depois acaba cochilando. As outras citações seguem na mesma linha: Ricardo Reis folheando e lendo de maneira rápida, desordenada e meio desinteressada algumas páginas de *The god of the labyrinth*. Todas as citações apresentadas na conferência estão, de fato, no romance de Saramago publicado em 1984, ou seja, dois anos antes da morte de Borges.

Mas é a sexta citação que se constitui como a prova-chave da argumentação de Saramago em defesa da existência de Herbert Quain. Saramago lê o seguinte trecho de *O ano da morte de Ricardo Reis*: “Ricardo Reis baixou a vidraça, olhou para fora. Uma mulher idosa, descalça, vestida de escuro, abraçava um rapazinho magro, de uns treze anos, dizia, Meu rico filho, estavam os dois à espera de que o comboio recomeçasse a andar para poderem atravessar a linha [...]” (SARAMAGO, [2021]). Logo em seguida, ele acrescenta a seguinte informação em relação ao trecho: “por mais incrível que vos pareça, aquele rapaz de treze anos que desceu do comboio na estação de Mato de Miranda em 1936, era eu” (SARAMAGO, [2021]).

A argumentação que se segue, então, não está

mais centrada na prova da existência de Herbert Quain a partir da figura de Ricardo Reis, mas sim na prova da existência do próprio Ricardo Reis. Isso ele o faz ao atestar a existência dele próprio, José Saramago, assim como ao atestar também sua relação com o poeta português cuja existência, como diz Saramago na conferência mais de uma vez, é frequentemente posta em dúvida. O curioso é que, para fazer isso, Saramago não diz nada do tipo: "garanto que Ricardo Reis existiu porque eu o vi quando tinha treze anos". Ao contrário, o que ele diz, trocando em miúdos, é que a prova de que Ricardo Reis existiu reside no fato de que ele, Saramago, *foi visto* por Ricardo Reis. E a pergunta que se estabelece mais uma vez é: onde está essa prova? A resposta é a mesma de sempre: a informação é extraída de seu próprio romance, *O ano da morte de Ricardo Reis*.

O jogo lógico principal da conferência de Saramago chega, então, ao fim, precisamente quando ele, a partir da sexta prova apresentada, consegue estabelecer uma relação entre todas as figuras mencionadas: ele próprio, o personagem Ricardo Reis, Jorge Luis Borges e seu personagem Herbert Quain:

[...] se Ricardo Reis afirma que me viu da janela do comboio, quem sou eu para atrever-me a dizer o contrário? [...] Salvo se, a par das dúvidas sobre a existência de Quain e Reis, começássemos a ter também dúvidas sobre a minha própria existência. Espero que não me obriguem a apresentar provas dela. Como quer que seja, creio ter deixado claramente demonstrado que há, ou pelo menos houve-a quando eu tinha treze anos, **uma relação directa e quase visceral entre Borges, Herbert Quain, Ricardo Reis e eu próprio** (SARAMAGO, 2021, grifo meu).

3 A estrutura lógica e os registros da fórmula borgeana

Vimos acima que Saramago recorre à lógica de maneira explícita ao dar início ao seu jogo argumentativo. O princípio da não contradição que é citado por Saramago ("duas proposições contraditórias não podem ser, ambas, falsas") é um dos princípios centrais da Lógica Clássica e está presente também em outros sistemas

lógicos não clássicos. Entretanto, as referências à Lógica não se limitam a essa menção mais do que evidente, elas também podem ser identificadas a partir de algumas outras sutilezas ao longo de todo o texto. E é precisamente esse esforço que aponta para a intenção principal da conferência de Saramago, cujo conteúdo não se restringe ao comentário a respeito de um texto e de um autor literário, mas vai muito além disso e acaba por prestar uma homenagem a Borges, como já dissemos, também a partir da forma. Isso porque, como também já foi mencionado, o autor argentino sempre manteve uma ligação estreita com temas da filosofia e da matemática, logo seu trabalho se vincula igualmente à lógica. Da mesma forma, o "jogo" borgeano é outro elemento muito característico. Não por acaso, o que Saramago constrói é justamente uma espécie de jogo.

Trataremos em seguida de uma das faces mais frequentes desse jogo borgeano, mas por ora pensemos na relação que o texto de Saramago estabelece com a lógica. Além da menção ao princípio da não-contradição, é possível identificar uma série de pequenos rastros que apontam para uma referência à essa disciplina filosófica e matemática. Primeiramente, Saramago cita o Intuicionismo, que é um sistema lógico considerado não clássico, embora o contexto da referência aponte mais para a ideia de uma lógica intuitiva, e não propriamente intuicionista. A menção ao paradoxo é outro elemento que pode ser associado à Lógica, uma vez que alguns paradoxos são amplamente discutidos nesse campo e, além disso, há sistemas lógicos que admitem paradoxos, ou seja, proposições que são ao mesmo tempo verdadeiras e falsas. Por fim, o termo que mais propriamente atende ao exercício de fazer referência à lógica é aquele que já se encontra no título da conferência: a palavra "provas".

As provas fazem parte da lógica tanto quanto os personagens fazem parte dos contos ou dos romances. A presença dessa palavra específica na conferência de Saramago não é, de maneira alguma, aleatória. Isso porque ela já aponta para

um exercício inusitado de comprovação e de verificação de uma ideia que, em vez de seguir determinado padrão científico utilizado nas mais diversas ciências apoia-se precisamente em outra forma de comprovar ideias. Quer dizer, é sabido que o empirismo por vezes é o mecanismo mais evidente, intuitivo e recorrente que se utiliza para provar alguma coisa, embora neste caso não seja comum utilizar a expressão "prova". Para tanto, são feitos experimentos e mais experimentos (expressão mais apropriada neste caso), da física à química, passando pelas ciências biológicas e assim por diante. Na matemática, no entanto, nem sempre é possível usar a empiria para provar alguma tese, de modo que se opta por outro sistema, como explica o professor Cezar A. Mortari, ao dizer que na matemática:

[...] certas proposições são *provadas*, ou *demonstradas* ao se mostrar que elas se seguem logicamente de algumas outras cuja verdade já está estabelecida. Assim, uma demonstração de alguma proposição matemática consiste em mostrar que ela se segue logicamente de outras proposições matemáticas (supostamente) verdadeiras (MORTARI, 2016, p. 298, grifo do autor).

Ora, quando Saramago apresenta sua conferência, Borges já está morto. Da mesma maneira, no texto de Borges, "Exame da obra de Herbert Quain", o narrador também afirma que Herbert Quain já morreu. Se a prova da existência de uma pessoa seja, a rigor, ela mesma, viva, é fácil concordar que a empiria não seria o bastante para comprovar tal existência. É claro que não é necessário ser tão rigoroso e, portanto, o próprio Saramago admite que um retrato, uma amostra da caligrafia, um passaporte ou até mesmo uma carta de amor poderiam servir como provas. No caso de Herbert Quain, afirma Saramago inconsolável, elas não existem. A saída, portanto, é se valer do mesmo mecanismo da Matemática, estabelecendo proposições verdadeiras e apresentando argumentos que se seguem delas.

Essa estrutura argumentativa de provas construídas a partir da concatenação de proposições que vão se seguindo de uma anterior que seria verdadeira é, como se pode supor, uma opera-

ção matemática que muito agradaria a Borges. De maneira muito engenhosa, Saramago institui uma premissa que ele julga verdadeira e vai, aos poucos, deduzindo outras. Assim, ele cria um jogo de implicações – que são operadores propriamente lógicos – nas quais a existência de algo se comprova pela relação que esse objeto teve com outro objeto cuja existência já se comprovou anteriormente. O que Saramago diz, então, é algo como: a) se eu [Saramago] existo, então Ricardo Reis existe (uma vez que eu fui visto por ele); b) se Ricardo Reis existe, então o livro *The god of the labyrinth* existe (uma vez que há diversos registros de Reis manuseando-o); e c) se o livro *The god of the labyrinth* existe, então seu autor, Herbert Quain, também existe (uma vez que nenhum livro se escreve sozinho).

Os argumentos, portanto, são construídos a partir de implicações e da pressuposição de uma premissa verdadeira, como é próprio do exercício da prova na matemática. Há, contudo, outra questão nesse exercício que remete a um jogo ainda mais frequente dentro do universo borgeano, como já mencionamos brevemente. Trata-se da mistura de personagens reais e ficcionais, de elementos, de objetos e, por que não dizer, de livros, cuja existência pode ou não ser real. A combinação de elementos que pertencem a universos diferentes seria um impedimento para que um lógico considerasse coerente, do ponto de vista semântico principalmente, o argumento de Saramago. No universo literário, entretanto, esse trânsito é plenamente possível.

4 O trânsito entre o real e o ficcional

É possível pensar em pelo menos duas formas de trânsito entre os universos do real e do ficcional. A primeira delas ocorre quando personagens da ficção invadem o espaço do real, uma vez que suas características são tão marcantes e, com o passar do tempo, mesclam-se ao imaginário da vida humana e da história. Pensemos, por exemplo, no caso de *Dom Quixote*, obra-prima do espanhol Miguel de Cervantes. Deixando de lado a comicidade que envolve o personagem, o que lhe daria propriedades demasiadamente

fantasiosas e irreais, as imagens do Quixote e de seu fiel escudeiro Sancho Pança são reproduzidas quase de maneira independente da figura de seu autor. Em uma das praças centrais de Madrid, há um monumento representando Quixote e Sancho logo à frente de um monumento de Cervantes. Este caso, no entanto, é singular, uma vez que frequentemente, em muitas praças de muitas cidades, especialmente no mundo hispânico, há os mesmos monumentos, porém, com a diferença de que a imagem de Cervantes é frequentemente suprimida, como se os personagens fossem ainda mais reais e importantes do que seu criador. Outra questão interessante de se pensar é que parece ser mais comum usarmos e ouvirmos o adjetivo "quixotesco" do que o adjetivo "cervantino", por exemplo.

Mais um caso interessante, mencionado inclusive por Umberto Eco em um de seus "passeios pelos bosques da ficção", é o personagem de Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes. Muitas pessoas ao ouvirem esse nome associam a alguém que de fato existiu, isso tanto no Reino Unido quanto ao redor de todo o globo. A respeito desse trânsito de personagens entre o universo ficcional e real, Eco diz: "Quando se põem a migrar de um texto para o outro, as personagens ficcionais já adquiriram cidadania no mundo real e se libertaram da história que as criou" (ECO, 1994, p. 132).

A segunda forma de trânsito entre os universos do real e do ficcional ocorre quando escritores se tornam personagens ficcionais. Leyla Perro-ne-Moisés afirma que entre os diversos gêneros da história mais recente da literatura "destaca-se um subgênero romanesco que tem crescido visivelmente desde os anos 1980: o romance que tem por personagem principal um 'grande escritor', isto é, um daqueles 'heróis' da literatura em sua época áurea" (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 131). O caso de Fernando Pessoa e de seus heterônimos é o primeiro a ser lembrado pela mesma autora, sendo este caso justamente o que se identifica no romance de Saramago evocado em sua conferência. Saramago não apenas ficcionaliza, uma vez mais, Ricardo Reis, mas

também ele inclui a figura de Fernando Pessoa como personagem-fantasma.

Com Borges ocorreu algo semelhante, inclusive isso já acontecia antes mesmo de sua morte. Como se sabe, não foi por acaso que Umberto Eco criou um personagem cego chamado Jorge e o colocou para ser o guardião de uma biblioteca no romance *O nome da rosa*, publicado em 1980. Aqui no Brasil, o escritor Luis Fernando Verissimo escreveu, sob encomenda, o romance *Borges e os orangotangos eternos*, que inclusive fazia parte de uma coleção chamada de "Literatura ou Morte", cuja intenção era precisamente apresentar obras nas quais os personagens eram escritores importantes.

Embora Saramago tenha nascido e morrido pouco mais de duas décadas depois de Borges, e embora sua obra tenha alcançado projeção apenas nos anos de 1980, ao contrário de Borges que já era conhecido na década de 1940, ele também já está sendo incluído nesse tipo de galeria de personagens ficcionais. O romance *Autobiografia*, de José Luís Peixoto, é um exemplo de narrativa que apresenta Saramago como personagem. Não é exagero pensar que, tanto ele quanto Borges certamente ainda serão incluídos em muitos outros universos ficcionais, transitando do real para a literatura e continuando a fazer parte do nosso imaginário coletivo.

Tal ação natural do tempo é precisamente o mote do encerramento da conferência de Saramago sobre Borges, assim como a reflexão acerca do trânsito de personagens entre o real e o ficcional:

O facto indesmentível de Ricardo Reis ter tido em seu poder o livro de Quain autorizou-me a vir a Bérghamo participar num colóquio sobre o autor de Ficciones. [...] Devemos esperar tudo, principalmente o que nos parecer impossível, quando heterónimos, pseudónimos e similares se põem a viver por sua própria conta. Dividida entre o respeito que deve ao que Borges escreveu sobre Quain e o testemunho definitivo de Ricardo Reis, a cidade de Bérghamo não saberá, neste momento, o que pensar. Dêmos tempo ao tempo, esperemos que as paixões acalmem. A verdade acabará por triunfar (SARAMAGO, [2021]).

E qual verdade é essa que, segundo Sarama-

go, triunfará? Muito provavelmente a verdade borgeana, ou seja, a verdade da ficção.

Considerações finais

Estabelecer um diálogo entre Jorge Luis Borges e José Saramago parece, num primeiro momento, algo inusitado. Tratar das relações entre lógica e literatura, igualmente. No primeiro caso, isso ocorre porque frequentemente associamos esses autores a uma questão que tende a distanciá-los: o posicionamento político. Entretanto, é possível pensar em uma infinidade de outras características que os aproxima, como é o caso, por exemplo, do brilhante papel que ambos desempenharam como conferencistas. Ademais, Borges e Saramago estão inevitavelmente lado a lado no panteão dos grandes escritores do século XX. Trata-se de dois autores extremamente originais e inventivos, embora cada qual com seu estilo, seus temas, seu universo próprio: Saramago sempre com os olhos voltados para a História; Borges ligado àquilo que é puramente ficcional, ao fantástico, ao imaginativo, ao inefável etc.

Em relação ao segundo aspecto de estranhamento, a incidência da lógica na literatura e esse trânsito entre saberes aparentemente muito distantes, já mencionamos, no início, a discussão promovida por Charles Percy Snow. No entanto, cabe lembrarmos ainda que a última virada de século tem promovido uma reaproximação entre os saberes, de modo que o exercício desempenhado tanto por Saramago e quanto por Borges já não é mais algo que necessariamente seja visto como um disparate. Podemos lembrar das *Literaturas pós-autônomas* pensadas pela ensaísta argentina Josefina Ludmer, por exemplo, e de um ensaio-conferência do próprio Saramago no qual ele discursa em defesa de uma relação mais estreita entre Literatura e História. É claro que ainda estamos caminhando lentamente rumo a esse ideal de diálogo amplo entre todos os saberes, da literatura à matemática, da história à ficção, e assim por diante. Sigamos, por ora, o conselho do autor português: "dêmos tempo ao tempo", uma vez que, ainda segundo suas palavras, "a verdade acabará por triunfar".

Referências

- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COSTA, Horácio. José Saramago: o despertar da palavra. *Revista Cult*, São Paulo, n. 17, [1998]. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-despertar-da-palavra>. Acesso em: 21 fev. 2022.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. *Ciberletras – Revista de crítica literaria y de cultura*, Nova York, n. 17, jul. 2007.
- MORTARI, Cezar. *Introdução à Lógica*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SARAMAGO, José. Algumas provas da existência real de Herbert Quain. In: Fundação José Saramago. Lisboa, [c2021]. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/algumas-provas-da-existencia-real-de-herbert-quain>. Acesso em: 2 abr. 2021.
- SARAMAGO, José. A história como ficção, a ficção como história. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 27, p. 9-17, 2000.
- SNOW, C. P. *As duas culturas e uma segunda leitura*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza e Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Edusp, 2015.

Talita Jordina Rodrigues

Doutoranda em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Campinas, SP, Brasil.

Endereço de correspondência

Talita Jordina Rodrigues
Av. Nereu Ramos, 1195, apto. 83
Centro, 88380-000
Balneário Piçarras, SC, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.